

Rastreio neonatal já chegou a mais de 3,8 milhões de crianças

Ao longo de 40 anos, milhões de recém-nascidos foram abrangidos pelo rastreio neonatal, vulgarmente conhecido como “teste do pezinho”. Resultado: foram diagnosticados mais de dois mil bebés com estas doenças.

Em 1980, o teste do pezinho foi feito a seis em cada 100 recém-nascidos. No ano seguinte chegou a 19,3%, em 1982 abrangeu 38,6% e, no final da década de 80, nove em cada dez bebés já eram rastreados. No início do novo milénio, a cobertura era praticamente total. Contas feitas, desde o início do programa e até ao primeiro trimestre de 2019, mais de 3,8 milhões de crianças foram testadas.

Actualmente, os bebés que são diagnosticados com doenças abrangidas por este teste iniciam tratamento dez dias após o nascimento



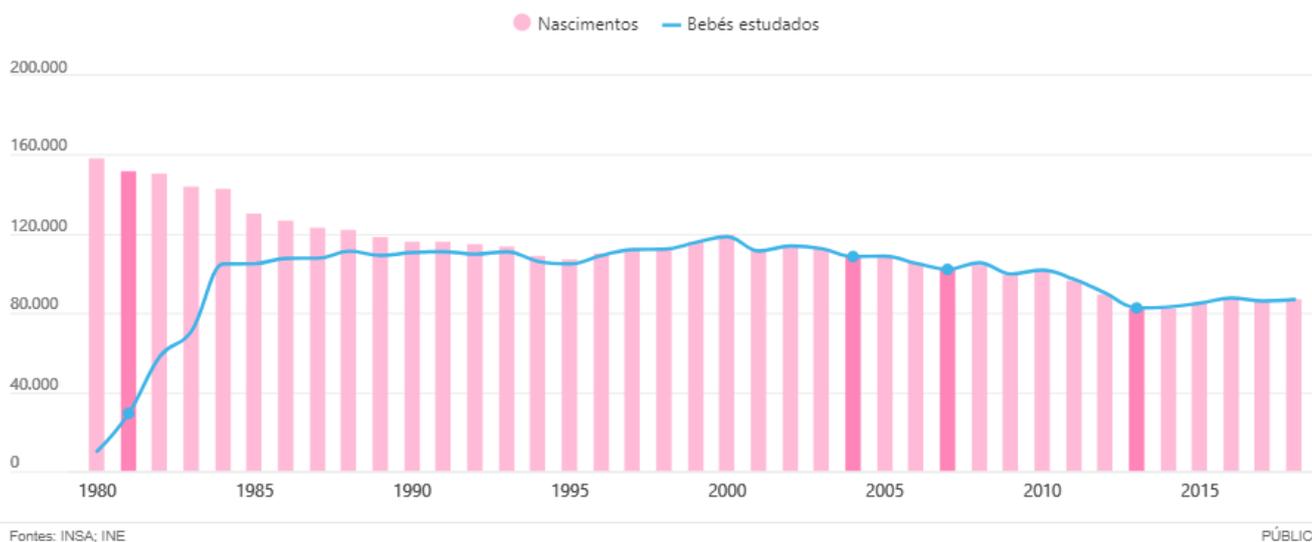
O Programa Nacional de Diagnóstico Precoce não é obrigatório. Mesmo assim, tem hoje uma cobertura praticamente universal e por isso o número de testes realizados anualmente também é usado como uma aproximação do total de crianças nascidas nesse ano.

O rastreio implementado há 40 anos é feito aos bebés entre o 3.º e o 6.º dia de vida. O objectivo é despistar ou, caso seja necessário, tratar precocemente 26 doenças

raras. Ao longo dos anos, foram detectadas mais de 700 doenças hereditárias do metabolismo, 1304 casos de hipotiroidismo congénito e 49 de fibrose quística. Todas as doenças rastreadas são tratáveis.

À medida que a taxa de cobertura foi aumentando, diminuiu o intervalo de tempo entre o nascimento do bebé a quem é detectada alguma destas doenças e o tratamento. Em 1981, o início da terapêutica demorava quase um mês (28,5 dias). Em 2018, eram cerca de dez dias.

Só 10% das crianças nascidas nos últimos 40 anos não foram rastreadas



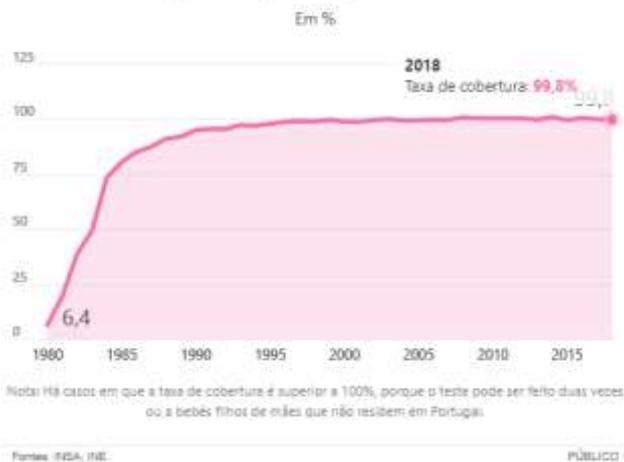
O primeiro relatório de actividades desenvolvido no âmbito do Programa Nacional de Diagnóstico Precoce foi publicado em 1982. Nos primórdios do projecto, a distribuição territorial ainda não era homogénea e isso transparecia no documento. “Há que fazer todos os esforços junto das entidades responsáveis nos distritos de Coimbra e Guarda para que os recém-nascidos destes distritos fiquem em pé de igualdade com os do resto do país. As crianças e os pais têm esse direito”, lembravam os médicos Jacinto de Magalhães, Lopes do Rosário e Rui Vaz Osório, os responsáveis pelo programa.

“Torna-se também necessário promover na Região Sul reuniões a nível distrital semelhantes às que se têm feito na Região Norte, e que se têm revelado muito produtivas. Referimo-nos especialmente aos distritos de Faro e Portalegre, onde a cobertura é mais deficiente”, diziam.

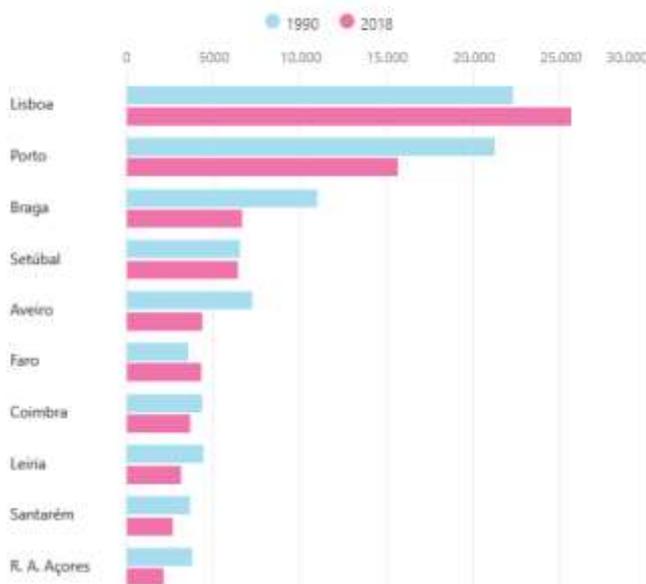
Anos mais tarde, em 1990, o balanço já era diferente e revelava o sucesso do programa. “A confirmar-se uma taxa de cobertura de 95%, teremos atingido em 1990 uma implantação a nível nacional considerada como impossível há quatro ou cinco anos atrás”, lia-se no relatório.

“Comparando a taxa de cobertura por distrito em 1990 com os anos anteriores, verifica-se que a dispersão geográfica se vem atenuando progressivamente.” Os distritos de Portalegre, Bragança, Vila Real e Guarda eram os que ainda faziam menos rastreios. Actualmente, o número de testes realizados num dado distrito corresponde ao número de nascimentos nesse território.

Há outros países que também fazem o teste do pezinho, mas não são todos iguais. A Suécia rastreia 24 doenças, na Áustria são 29, em Itália são 40 — mas não é uniforme em todo o país — e em França são cinco. Em Itália o teste é obrigatório. O governo justifica a decisão dizendo que o Estado se sobrepõe aos pais na defesa dos direitos da criança.



O número de testes do pezinho realizados diminuiu porque há menos bebês a nascer



O número de testes do pezinho realizados diminuiu porque há menos bebês a nascer



Fontes: INSA; INE

PÚBLICO